MARIANA T. BORGES
EHRICK E. M. MELZER

A magia do saber

Ilustrações
MARIA E. BORGES

Autoria
MARIANA T. BORGES
EHRICK E. M. MELZER

A magia do saber

Ilustrações
MARIA E. BORGES

Ministério da Educação Universidade Tecnológica Federal do Paraná Campus Curitiba Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação Programa de Pós-Graduação em Formação Científica, Educacional e Tecnológica (PPGFCET)

TERMO DE LICENCIAMENTO

Este Produto Educacional e a Dissertação da qual ele derivou estão licenciados sob uma licença Creative Commons. Esta licença permite remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, para fins não comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s)autor(es)e que licenciem as novas criações sob termos idênticos. Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.

CURITIBA - PARANÁ 2026

Flora sempre morou com sua avó Celeste, uma senhora querida por todos e conhecida por ser a benzedeira de uma comunidade de Tijucas do Sul.
Apesar de amar muito sua avó, Flora não gostava de ouvir seus ensinamentos. Pois, na internet achava coisas mais divertidas para fazer, como assistir vídeos ou jogar jogos.

Um dia, Flora estava assistindo um desenho animado em sua TV. Ao fundo, podia ouvir o som de sua avó mexendo em alguma coisa na cozinha.

“Flora, vem aqui. Quero te mostrar uma coisa legal.”

A jovem se levantou do sofá e se aproximou da idosa. Celeste tinha em suas mãos uma folha verde longa e pontuda. Suas bordas se curvam de maneira a lembrar os espinhos de uma rosa. A senhora deslizava uma faca sobre a casca verde, retirando as partes serrilhadas e fazendo um líquido transparente escorrer.

“Credo vovó, o que é isso?” Flora fez uma careta. “O que é essa gosma nojenta?”

“Isso é gel da babosa. Você tira da folha da babosa e usa pra um monte de coisa. É ótimo pro nosso cabelo, faz os cachos ficarem uma beleza e...” Celeste foi interrompida pela neta.

“Ai vó, mas e pra quê que eu vou querer isso se eu já tenho meu shampoo prontinho com tudo que eu preciso?” A garota balançou a cabeça e começou a voltar para sala.

“Mas olha aqui, menina! Se você usar..” Flora não deixou a avó terminar. Ao invés de se sentar novamente no sofá, passou reto e foi até a porta, resmungando que se era pra ficar ouvindo aquela chatice, ela preferia ir brincar lá fora.

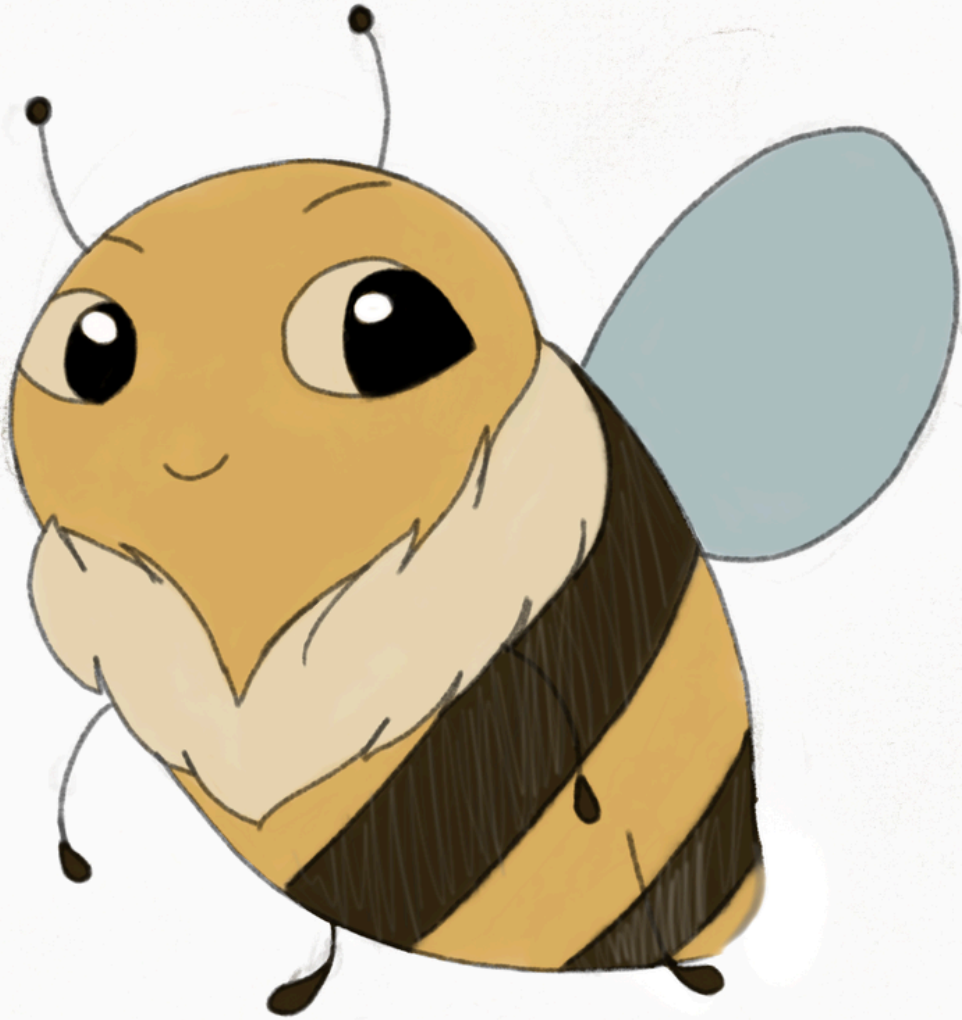
Enquanto caminhava num bosque por perto, Flora encontrou algo no meio de algumas flores. A jovem se aproximou para ver do que se tratava. Das plantas, uma grande abelha voou. As botas de Flora se moveram em alguns passos para trás antes mesmo dela perceber.

“Não tenha medo, Flora! Não irei te machucar.” A criatura disse com um sorriso, o que logo fez a menina fazer uma careta. Flora não sabia se tentava perguntar como uma abelha poderia falar ou se apenas corria o mais rápido que conseguisse.

“Quem… o que é você?” Flora perguntou assim que encontrou coragem para falar.

“Sou Fauna, guardiã mágica do bosque e dos saberes antigos.” Fauna respondeu com um brilho nos olhos. “Estou procurando alguém para ensinar.”

“Ensinar? Ah não… Já basta a minha avó tentando me ensinar o tempo todo.” Flora bufou, cruzando os braços. “Eu não tenho tempo pra isso.” Mas antes que pudesse dizer o quão estranho aquilo era, o céu escureceu. Um vento forte soprou e uma sombra gigantesca cobriu a cidade.



No alto de uma colina, um monstro feito do que parecia uma fumaça cinza apareceu. Ele tinha olhos vazios e um corpo comprido.

“É o Monstro do Esquecimento!”, disse Fauna, voando em círculos. “Ele se alimenta dos saberes antigos e apaga memórias importantes!”

Flora ficou assustada. “O que ele está fazendo aqui?” O monstro a encarou de longe por alguns segundos e a garota podia jurar que seria atacada. Mas, para sua surpresa, a figura se virou e foi embora. “Mas o quê…?”

“Está procurando por alguém que tenha muitos conhecimentos antigos...ele vai tirar as memórias e saberes!”, Fauna respondeu, olhando direto para Flora. “Eu posso impedir. Só que não consigo sozinha….”

Flora hesitou. Pensou na avó, nas histórias que ignorou, nas vezes que saiu da casa com pressa. “O que temos que fazer?”

“Não temos tempo! Eu te conto no caminho.” Fauna já tinha começado a se mover, nem esperando para ver se a garota estava lhe seguindo.

Flora foi atrás da guardiã da floresta.

Durante o caminho, mesmo que Flora perguntasse onde estavam indo, Fauna não a respondia. Para a irritação da menina, a abelha parecia haver decidido que este era o melhor momento para um curso de herbologia. Pois, a cada duas plantas, ela iria parar e explicar algo.

"O monstro está atacando. Não temos tempo para isso!" resmungou Flora irritada e Fauna se calou por alguns minutos. Mas então, logo começou novamente, assim que avistou o que parecia apenas um amontoado de folhas comuns para Flora.

"Ah, este aqui é um ótimo relaxante! Pega pra mim, Flora! É uma *Cedreira,*mais conhecida como *Erva-Cidreira* ."

A jovem balançou a cabeça e suspirou. Se agachou e arrancou um punhado de folhas a contragosto. "Pronto, peguei." disse sem muito entusiasmo. Fauna balançou a cabeça em aprovação.

"Perfeito. Com essa erva, podemos aliviar dores musculares e cansaço!" A criatura explicou com entusiasmo.

"Tá, e o que eu faço com isso agora?" A garota perguntou enquanto balançava as folhas como se fossem um chocalho. Fauna lhe respondeu que devia guardá-las. "E eu vou guardar isso onde?" abriu os braços e mostrou que não tinha bolsa ou cesto onde manter as plantas.

“Bom, acho que você vai precisar de uma ajudinha.” Fauna balançou uma pata e uma luz mágica voou em direção de Flora, acertando-a no peito. A menina encarou Fauna confusa. Não tinha sentido dor, mas não entendia como aquela luzinha poderia ajudar em algo. “Eu encantei o seu bolso. Agora, você pode colocar quantas plantas precisar aí e não vai ter problema algum!” a abelha soltou uma risadinha.

“Ah, sim. Claro, claro. Agora eu tenho um bolso mágico. Então tá.” Flora enfiou as folhas no bolso do macacão de forma desconfiada.

Magia! Oras. Era uma menina esperta e sabia muito bem que não existe magia. Quando era mais nova, até acreditava que talvez tivesse super poderes quando dormia no sofá e acordava em sua cama. Só que esta fase já passou. Devia estar imaginando tudo isto. Até a abelha! Vai saber se uma abelha não a picou e ela estava delirando por causa disso. Se bem que se lembra de sua avó explicar que elas só atacam quando ameaçadas e que abelha com ferrão é coisa que ela só veria em filme. Pois as abelhas nativas daqui nem ferrão tem! Porém Flora ainda não sabia. Estava meio suspeita de tudo isso. Mas como amava uma boa aventura e sempre viu nos filmes que as melhores acontecem em sonhos ou na nossa cabeça, continuou seguindo a abelha que nem parecia mais tão irritante assim.

Flora e Fauna continuaram seu caminho por um tempo, percorrendo os arredores da comunidade. Fauna mostrou diversas plantas, que Flora, coletou com vigor e guardou em seu bolso. Parecia que Fauna realmente o encantou. Pois não ficava cheio e a menina não sentia dificuldade alguma em carregar o peso extra.

Flora conheceu a Alfavaca, a Tansagem, a Aroeira e outras ervas e plantas medicinais.

Algumas horas depois, Flora já estava muito mais próxima da guardiã e estava contando algo que aconteceu na sua infância. “Teve um dia que eu queimei minha mão em água quente e minha avó passou um monte de gororoba em mim dizendo que ia melhorar.”

Fauna pensou que *as gororobas* deviam ser *babosa* ou, quem sabe, o sumo de *folhas de abóbora.* De toda forma, acenou com a cabeça. “E eu não vejo nenhuma marca de queimadura em suas mãos. Então parece que funcionou!”

O som de gritos ao longe desmanchou o momento feliz. Fauna se virou na direção de onde vieram “Oh, não. Nós precisamos voltar!” e voou o mais rápido que pode. Flora nem teve tempo de raciocinar, já estava correndo atrás.

“Mas o que vamos fazer?” A jovem estava desesperada. Pensou em todos os seus amigos, em sua família, até do cachorrinho da comunidade, o farofa, ela lembrou. Se isso era um sonho, a sensação do chão

sob suas botas estava muito realista, e o vento que desarrumou seus cachos não parecia nem um pouco com o de outros sonhos que a faziam flutuar. As primeiras casas surgiram em seu campo de visão e ela ouviu um choro.

“Marquinho, o que aconteceu?” Ela parou ao lado de um menino de bochechas gordinhas com quem estudava na escola. O garoto estava sentado ao lado de uma pequena árvore. Abraçava o próprio joelho com afinco enquanto chorava.

“Eu não sei.” limpou o nariz escorrendo, “apareceu um bicho..uma coisa do nada e tentou destruir minha árvore.” ele apontou para o tronco quase sem folhas. “Eu plantei com meu primo nas últimas férias … eu queria mostrar pra ele o quanto cresceu no fim do ano. Eu disse para aquela coisa parar… mas quando se virou pra mim.. eu.. eu… eu não fiquei com medo, claro, porque eu não tenho medo de nada!” o menino mentiu “Mas eu… eu me distraí e caí em cima de uma pedra e me machuquei.”

“Coitadinho. Flora, por que você n-”

‘AHHHH” O menino deu um salto quando viu a abelha maior que um gato. “O que- O que raios é essa coisa?” Marquinho deslizou para trás, se afastando o máximo que pôde.

“É a Fauna… ela é…é…” Flora tentou pensar em algo para dizer. Demoraria muito tempo para ela explicar

como conheceu a guardiã da floresta e provar que ela realmente tinha magia. "É minha amiga imaginária..." Flora disse sem muita confiança. Que desculpa terrível! Claro que seu colega não iria acreditar em algo assim! Marquinho olhou para Fauna por alguns segundos em silêncio e então disse:

"Ah, faz sentido. Por isso ela é estranha assim" deu de ombros. Flora ficou boquiaberta. Não é possível que ele realmente tenha acreditado. Fauna estava pronta para se defender dizendo que não era estranha, mas a menina logo a cortou para perguntar se alguma das plantas que ela pegou poderia ajudar Marquinho com seu machucado. Fauna voou para perto de Flora, pegando as coisas que ela ainda tinha no bolso e verificando uma por uma antes de balançar a cabeça.

"Ah... não acredito! Não tem nada muito bom ..." A abelha voou para longe, olhando de um lado para o outro enquanto murmurava as plantas que conhecia. "Se tivéssemos *tansagem*, seria ótimo... Ou *babosa*, que ajuda a fechar feridas. Até a *aroeira* serve para cortes e inflamações..."

Ela parou no ar por um segundo, franzindo o rosto pensativo.

"Ou então... folha de—"

Fauna virou-se para o menino, olhando a pequena árvore com o tronco ferido.

"Espere... Que árvore é essa que você plantou, Marquinho?"

O garoto limpou o nariz e respondeu com orgulho,

mesmo choroso: “É um abacateiro. Eu e meu primo plantamos quando ele veio de férias.”

Fauna bateu as patinhas no ar, animada:
“Mas é claro! A folha de abacateiro é perfeita! Cicatriza, limpa o machucado e ainda afasta a inflamação.”

Flora arregalou os olhos. “Sério? Da própria árvore dele?”

“Sim! A cura estava bem do lado o tempo todo. Vamos colher algumas folhas com cuidado.”

Marquinho olhou para a árvore com surpresa. “Então ela… ela vai me ajudar?”

Flora assentiu, sorrindo. “É assim que as plantas funcionam. A gente cuida… e elas cuidam da gente.”

Flora colheu duas folhas verdinhas do abacateiro com cuidado. “Mas o que eu faço com isso agora? A gente não tem tempo de fazer chá nem nada!”

Fauna pousou em sua mão. Seus olhos brilhavam com um tom de seriedade e doçura.

“É verdade, Flora. Mas eu posso te contar como se faz... como se faria no mundo real, se tivéssemos tempo. Para machucados, como o do Marquinho, você precisa lavar a folha do abacateiro com água limpa. Depois, amasse delicadamente as folhas até formar uma pastinha, quase como uma pomada natural.”

Enquanto falava, uma luz suave envolveu as folhas nas mãos de Flora, que começaram a se transformar, como se fossem moídas por mãos invisíveis, virando um gel verdinho e translúcido. “Essa pastinha você pode aplicar direto na ferida, cobrindo com um pano limpo para proteger. Vai ajudar a cicatrizar e evitar infecção.”

Fauna acenou com a patinha e um pequeno pano branco voou até Flora, que o segurou com cuidado.

“Não precisa esperar horas para o remédio fazer efeito; a natureza age rápido, e você vai ver a diferença já em pouco tempo. Use essa pasta agora. Minha magia ativou o que há de melhor nela, como se já tivesse sido preparada direitinho. Mas lembre-se: da próxima vez, você pode fazer isso sozinha.”

Flora se ajoelhou e pressionou gentilmente a folha sobre o machucado de Marquinho. O menino estremeceu no início, mas logo soltou um suspiro.

“Tá geladinha... e parou de arder.”

Fauna sorriu. “Plantas são mágicas por si só. Eu só dei uma ajudinha.”

Ambas as crianças sorriram. Flora por ter ajudado seu amigo. Marquinho por finalmente não sentir mais dor. Então, como se recordasse algo, a expressão de Marquinho entristeceu-se. Flora, ao reparar nisso, prontamente questionou: “O que foi, Marquinho? A dor voltou?”

Fauna voou para mais perto, pronta para agir caso o menino confirmasse.

“É que..a minha árvore..” O garoto olhou na direção dos galhos desfolhados. “O que eu vou falar para o meu primo?” Os olhos de Marquinho já começaram a marejar. Era claro que a árvore importava muito para ele.

“Não se preocupe”, Fauna disse. “Seu abacateiro não está morto. Se você continuar cuidando dele como fez até agora, ela vai continuar crescendo e um dia vai dar muitos frutos.”

Marquinho fungou o nariz mais uma vez, como se estivesse engolindo o choro. “Tem certeza?”

Flora fez que sim com a cabeça. “É claro. Fauna sabe tudo sobre a natureza. Ela é a guardiã do bosque!”

“Então…então eu vou cuidar da árvore .. e quando meu primo vier, eu vou falar que protegi ela.” Marquinho se levantou determinado. A dor do machucado já estava esquecida.

Assim, Flora e Fauna se despediram e continuaram indo na direção que a abelha apontava.

Dessa vez, o que ouviram foi o choro de um bebê e uma mãe desesperadamente tentando acalmá-lo.

“Shhh… shhh… já vai passar” murmurava a mãe enquanto balançava a criança.

“Flora.” Fauna chamou.

“O que foi, Fauna?” A menina perguntou.

“Adultos não podem me ver e não vão acreditar em você se falar sobre mim… é melhor você não falar comigo enquanto estiver ajudando eles” a criatura explicou.

“Mas… mas é como eu vou saber o que fazer?” Flora não estava tão segura de que podia fazer isso sozinha.

“Não se preocupe” disse Fauna, “eu vou estar com você o tempo todo. Só não fale comigo, ou vão achar que você está falando sozinha.”

Flora concordou com a cabeça e foi em direção a mãe e o bebê. “Com licença, senhora… por que ele está chorando?”

A mulher olhou na direção de Flora. “Oi, Flora. Estava indo bem na casa da sua vó. A Joana está com muita cólica desde ontem e não consigo fazer ela dormir” a adulta continuava balançando o bebê que ainda não parava de chorar. “Não dormi nada na última noite e agora estou com muita dor de cabeça. Queria ver se sua avó Celeste não sabe de algo para me ajudar. Ou se talvez a Joana não precisa ser benzida.”

Enquanto as duas conversavam, Fauna voava em volta da cabeça do bebê, chamando sua atenção. Sua mãe não podia ver, mas a criança logo teve sua atenção roubada pela criatura mágica e parou de chorar.

Flora a ouviu atentamente e começou a pensar em tudo que sua nova amiga lhe explicou mais cedo. “Mais cedo eu estava… ãhn… andando pelo bosque e eu encontrei isso” tirou do bolso as folhas de Erva-Cidreira que Fauna a fez colher. Parece que a mágica da abelha as manteve frescas. “É Erva-Cidreira, você pode usar para-”

A mãe a interrompeu. “Claro! Minha mãe sempre disse que me dava chá de Erva-Cidreira quando eu era bebê e estava com cólica.”

Flora concordou. Enquanto caminhava com Fauna mais cedo, a guardiã explicou para que esta planta servia. “E você pode tomar também, vai ajudar com sua dor de cabeça e o cansaço de não ter dormido”. A garota entregou as ervas para a mulher.

“Eu vou voltar para casa e tentar o chá. Se a cólica continuar, eu vou falar com sua avó. Muito obrigada, Flora” e a mulher se foi junto do bebê, que agora voltava a resmungar baixinho.

“Você foi muito bem, Flora!” Fauna a parabenizou animada. “Nem precisou da minha ajuda”.

“Eu não sabia…” a garota disse.

“Não sabia o quê?” Fauna perguntou confusa.

“Não sabia que o que a minha avó fazia era tão importante… hoje eu consegui ajudar 3 pessoas diferentes só por saber que eu podia usar essas plantas. Isso..isso é muito legal.” Flora admitiu.

Fauna sorriu “Fico feliz que você também ache. Para mim, não existe nada mais legal do que aproveitar o que a natureza tem para nos oferecer sem agredí-la”.

Com seus novos conhecimentos, Flora ajudou várias pessoas de sua cidade antes de chegarem na casa de sua avó. Ela usou todas as plantas, flores e frutas que recolheu em sua jornada com Fauna.

Ao abrir a porta de casa, Flora viu uma pequena fumaça pairando em Celeste.

“Vovó!” Flora saiu correndo em direção de sua avó. Ela sabia o que era aquela fumaça: o Monstro do Esquecimento. Em todas as pessoas que ajudou, ela viu aquela mesma fumaça, como se fosse um pequeno rastro que o monstro deixou. “Vovó, o que você tem?”

Fauna voou atrás delas. Celeste estava em silêncio, como se estivesse em um sonho distante.

“O que é isso, Fauna? Por que ela não responde?” Flora segurava as mãos de sua avó com preocupação.

“Eu acho…acho que o monstro fez algo pior do que uma dor de cabeça com sua avó.” A abelha disse em voz baixa, como se não quisesse falar. “Eu vou ver o que posso fazer!” Fauna voou em cima da cabeça de Celeste, deixando um pouco de sua magia cair sobre ela. A senhora piscou algumas vezes e então olhou para Flora.

“Olá, Flora!” Celeste disse com um sorriso, abrindo os braços para abraçar a neta.

“Vovó!” Flora se jogou nos braços da avó, a abraçando com força. “Você nem acredita, vó. Eu entendi o que você estava me contando sobre as plantas! Eu usei várias… usei Erva-Cidreira e Aroeira e-”

Celeste a olhou com confusão “Aroeira? O quê…? O que é isso?”

Flora deu um passo para trás. O rosto em desespero. “C-como assim, vovó? Aroeira, a árvore que ajuda com dores musculares e machucados…você sabe disso, não sabe?”

“Ah, era para isso que servia?” A senhora perguntou, como se não tivesse certeza.

Flora olhou para Fauna, perguntando em silêncio o que estava acontecendo. A guardiã apontou para a porta, acenando para que Flora a seguisse até a parte de fora da casa para que conversassem.

“Eu…eu vou ali fora um pouquinho, vó..” avisou Flora.

Quando as duas fecharam a porta da cozinha, Flora se virou para sua nova amiga. “Por que ela não se lembra, Fauna? Por que!?”

Fauna voava cabisbaixa, desanimada, quando começou a explicar: “O monstro usa as coisas mais importantes para te afetar. Para o Marquinho, foi sua árvore. Para a mãe, seu bebê. E para a sua vó…”

“Seu conhecimento.” Terminou Flora. A abelha confirmou com a cabeça. “Mas… mas você não me ensinou sobre nada que ajudasse com esquecer coisas importantes, Fauna! Que planta eu vou usar…? O que eu vou fazer para ajudar a minha avó?” A garota podia sentir algumas lágrimas surgindo em seus olhos.

Fauna usou suas patinhas para acariciar a cabeça de Flora em conforto. “Não existe nenhuma planta, Flora. Conhecimento não funciona assim. Mas você pode usar o que conseguimos em nossa jornada!”

“Como assim? Não sobrou nada do que coletamos! Eu não tenho nada”. Flora estava desesperada.

“Claro que tem. Você tem seu conhecimento! Tudo que você aprendeu hoje foi a coisa mais importante. Não as plantas que pegamos. Você pode continuar aprendendo, mesmo sem minha ajuda. E você pode *ensinar. Pode repassar esses conhecimentos para as*

pessoas a sua volta. Se a sua vó se esqueceu, você pode a lembrar!

Flora secou suas lágrimas e se decidiu. Ela pegou a tesoura de jardinagem de sua avó no jardim e cortou uma folha de babosa. Com a planta em mãos, a garota entrou em sua casa e se aproximou de sua avó. “Você corta isso pra mim, vó?”

A mulher assentiu e foi até a cozinha, utilizando uma faca para cuidadosamente tirar todos os espinhos e então, cortar a casca. “Mas e para que você vai usar isso, Flora?”

Flora sorriu e disse: “Isso é gel da babosa, vó. Você tira da folha da babosa e usa pra um monte de coisa. É ótimo pro nosso cabelo e faz os cachos ficarem uma beleza e…”

pessoas a sua volta. Se a sua vó se esqueceu, você pode a lembrar!

Flora secou suas lágrimas e se decidiu. Ela pegou a tesoura de jardinagem de sua avó no jardim e cortou uma folha de babosa. Com a planta em mãos, a garota entrou em sua casa e se aproximou de sua avó. “Você corta isso pra mim, vó?”

A mulher assentiu e foi até a cozinha, utilizando uma faca para cuidadosamente tirar todos os espinhos e então, cortar a casca. “Mas e para que você vai usar isso, Flora?”

Flora sorriu e disse: “Isso é gel da babosa, vó. Você tira da folha da babosa e usa pra um monte de coisa. É ótimo pro nosso cabelo e faz os cachos ficarem uma beleza e…”

A magia do saber

Flora nunca deu muita atenção aos ensinamentos de sua avó Celeste, uma benzedeira conhecida pelos saberes sobre plantas medicinais. Mas quando o misterioso Monstro do Esquecimento começa a apagar memórias e ameaçar sua comunidade, ela embarca em uma aventura ao lado de Fauna, uma guardiã mágica da floresta. Durante a jornada, Flora descobre o valor dos saberes tradicionais e aprende que lembrar, cuidar e compartilhar conhecimentos pode ser a chave para proteger aqueles que ama.

PPG FCET

GEPE LUTEGOM

UTFPR
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

Laboratório Audiovisual e Tecnológico da Química

LAVIQ